

FILHOS DE DEUS E FILHAS DOS HOMENS – GÊNESIS 6.1-5: QUEM SÃO?

Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho

Este é um dos trechos mais complicados da Bíblia. Quem são as filhas dos homens? Quem são os “filhos de Deus”? Quem são os “nefilins”? O presente artigo, evidentemente, não elucidará a questão, que vem sendo debatida já há milênios pelos exegetas. Mas tenta abordar as posições mais comuns, deixando com o leitor a opção de se situar com a que lhe parece melhor. Ou com nenhuma, se julgar que sua curiosidade não foi atendida..

O texto parece indicar que da união das filhas dos homens e dos filhos de Deus nasceram os nefilim. O termo vem da raiz de *nphl*, que significa “cair”. Interpreta-se como “caídos”. Estes foram “os valentes, os homens de renome, que houve na antigüidade”, que parece indicar uma raça especial de homens. Há menção a guerreiros assim em Números 13.28. e 33 e Deuteronômio 1.28. Veja-se também o texto de Deuteronômio 3.11. Mas devemos levar em conta que os textos não indicam que eram gigantes por causa de uma possível paternidade angelical. Poderemos trazer outras idéias para dentro deste texto que ora analisamos se assim pensarmos.

Devemos ter em mente que o relato bíblico não é isolado. Esta história aparece em textos fenícios pré-bíblicos (antes de se começar a escrita da Bíblia, em 1440 a. C.) e na epopéia de Gilgamesh, relato babilônico composto cerca de 2.000 a. C. Moisés não inventou uma história, mas tinha fontes de informação sobre o que narra. Se estes relatos aparecessem em textos esotéricos ou ocultistas ou apenas nos textos fenícios e babilônicos, seriam saudados como “segredos imemoriais escondidos das pessoas comuns”. Como aparecem na Bíblia são chamados de credence.

Antes de tentarmos compreender quem eram, há uma expressão que, independente da posição que se assumir, cabem bem neles. Está no rodapé da Bíblia de Jerusalém: “uma raça insolente de super-homens, como um exemplo da perversidade crescente que irá motivar o dilúvio”. Este aspecto é fundamental na nossa observação. São uma raça especial envolvida pela maldade. Como “nefilim” significa caídos, alguns o aplicam neste sentido, de uma queda moral e espiritual mais profunda.

Mas, voltando à questão, o que significam os termos aqui empregados?

Começemos por “filhos de Deus”. O hebraico é *beney ha Elohyim*. *Beney* é o plural de *ben*, “filho”. Isto não é problema. O problema é *ha Elohyim*, “de Deus”, como traduzido. Porque *Elohyim* é o plural de *El*, “Deus”. *El* sempre é “Deus”, mas *Elohyim* nem sempre é “Deus”. *El* tem o significado primeiro de “forte” e *Elohyim*, que significaria “fortíssimo”(o plural tem a função de superlativo, no hebraico) pode significar Deus, anjos, poderosos, etc. Assim sendo, três teorias se destacam nas possibilidades de interpretação do texto. Vejamos cada uma delas.

1. ANJOS CAÍDOS E MORTAIS

Nesta interpretação, as mulheres são mortais e os “filhos de Deus” são anjos caídos. O pecado teria sido o casamento entre o mortal e o sobrenatural. Pelo menos quatro evidências são alistadas a favor desta interpretação:

- (1) O termo “filho de Deus” é usado apenas para com os anjos (Jó 1.6, 2.1 e 38.7, Salmos 29.1 e 89.7 – e Salmo 8.5, que pode significar “anjos” ou “seres celestiais”, como faz a NVI). Inclusive no texto de Jó 1, a Septuaginta, o Antigo Testamento traduzido para o grego, traz “anjos de Deus” e não “filhos de Deus”.
- (2) Judas 6-7 e 2Pedro 2.4 podem ser uma alusão a este episódio.
- (3) É o que parece significar o texto, numa leitura direta.

- (4) Os *beney ha Elohyim* são contrastados com “os homens” (*ha adham*). Parecem ser dois tipos bem diferentes, um de origem angelical e outro de origem humana.
- (5) No texto em que Jesus descarta vida matrimonial no céu e compara os ressuscitados glorificados com os anjos, ele diz “os anjos no céu”. O texto de Gênesis se referiria a uma descida de anjos à terra, diferente dos “anjos no céu”.

Cito Kidner, em um comentário sobre Gênesis, neste texto: “Parece, então, que nesta altura Deus está preocupado, não com a depravação, que o versículo 5 introduzirá, mas com a presunção. Este foi o tema de 3.5 (“como Deus” ou como deuses”) e de 3.22 (“e viva eternamente”); reaparece em 11.4 (“chegue até os céus”), e o presente episódio bem poderia pertencer à série como uma tentativa, desta vez de iniciativa angélica, de trazer para a terra, ilicitamente, um poder sobrenatural, ou mesmo a imortalidade. Daí o contraste entre *espírito* e *carne*, no comentário que Deus fez.” (p. 79). Este pecado dos anjos encheu a terra de violência porque sua geração, humana (porque mulheres só podem gerar humanos) se tornou arrogante por ser diferente, em sua origem, das demais pessoas.

O judaísmo posterior (como se chama o judaísmo após Esdras, entre os dois Testamentos) e os primeiros escritores da Igreja viram o episódio como se referindo a anjos caídos. A partir do século IV de nossa era, por causa de uma espiritualização do conceito de anjo é que passou a se dar outra interpretação. A união entre anjos e mulheres não consegue fundar uma raça de imortais, mas apenas de heróis, pois o homem é carne. A humanidade não consegue gerar a imortalidade.

Há algumas objeções a esta teoria, que devemos considerar:

- (1) Esta interpretação assume um tom mitológico.
- (2) Os anjos não foram mencionados anteriormente, na Bíblia. A primeira referência a um virá em Gênesis 16.7 e o personagem é claramente chamado de anjo.
- (3) Por que o homem seria punido com o dilúvio pela perversidade dos anjos? Não são os “filhos de Deus” ou “anjos” que são caídos, mas o produto de sua união. Ou porque toda a raça pagaria pelo pecado de um punhado de gigantes, produtos desta ligação?
- (4) O apoio do Novo Testamento, no texto de Judas, é questionável, pois não se evidencia tratar-se deste episódio.
- (5) Em parte alguma da Escritura os anjos aparecem como corruptores da humanidade. Se fossem anjos caídos não seriam “filhos de Deus”.
- (6) O sentido mais exato de Mateus 22.30 é que os anjos são assexuados. Esta é a visão mais linear do texto.

2 A LINHAGEM PIEDOSA DE SETE E A LINHAGEM DE CAIM

Nesta linha de interpretação, “filhos de Deus” seria uma expressão para designar a linhagem piedosa de Sete (Gn 4.25-26). Foi com ele que “começou-se a invocar o nome do Senhor”. A invocação a Iahweh começa com este homem. A idéia é que houve uma decadência espiritual com a queda, e com a descendência de Sete se recomeçou a busca de Deus. A linhagem de Sete seria uma linhagem piedosa. “Filhas dos homens” se aplicaria às descendentes espirituais de Caim. Neste sentido, o alcance da passagem se espiritualiza. Uma linhagem de fiéis e uma linhagem de infiéis. Uma linhagem de tementes a Deus e uma linhagem de gente de coração endurecido. Esta interpretação ganhou força a partir do quarto século de nossa era.

Na interpretação anterior, o pecado teria sido o casamento entre o mortal e o sobrenatural. Nesta, o pecado teria sido o casamento entre o santo e o depravado. Eis as evidências a favor desta corrente:

- (1) O conceito de uma linhagem santa fica bem estabelecida.
- (2) O hebraico indica que o texto presente continua a argumentação do texto anterior. É uma seqüência na argumentação.
- (3) É a partir daqui que o pecado se torna um tema comum no Pentateuco, ele que já fora mencionado, pela primeira vez na Bíblia, em conexão com Caim (Gn 4.7).
- (4) O termo “filha” (*bath*, no hebraico) tem significado além do língua portuguesa, no hebraico. Aplica-se, também às mulheres que professam alguma fé religiosa, como seguidoras de alguma divindade pagã, como se vê em Malaquias 2.11, como se lê na Versão Revisada. Pode se aplicar

a seguidoras de divindades pagãs, no caso. A linhagem pervertida de Caim estaria imersa na idolatria.

Há algumas objeções a esta teoria, que devemos considerar:

- (1) O termo “filhos de Deus” não tem este sentido, de uma linhagem espiritual diferente da comum, em outras passagens, até então. Na realidade, este conceito é mais do cristianismo do que do Antigo Testamento. A paternidade pessoal de Deus é um conceito cristão.
- (2) Não se pode dizer que estas linhas ficaram tão distintas assim. Não temos nenhuma evidência bíblica de que isto tenha acontecido até então. Na realidade, esta idéia de uma linha fiel a Deus vem a aparecer em Gênesis 12.1-2, com a chamada de Abraão, extensiva à humanidade.
- (3) O termo “homens” tem um sentido muito geral, que não pode ser especificado, assim, de repente, como se aplicando a uma linhagem idólatra.
- (4) No período narrado, que é o de Noé, não vemos uma linhagem santa. Apenas ele foi tido como um homem fiel e temente a Deus (Gn 6.8-9). Até mesmo a salvação de sua família sucedeu por causa de sua fé pessoal (Gn 7.1)..

3. OS GOVERNADORES DINÁSTICOS E GENTE COMUM

Nas interpretações anteriores, o pecado teria sido o casamento entre o mortal e o sobrenatural, primeira, e na segunda, o pecado teria sido o casamento entre o santo e o depravado. Esta interpretação entende que “filhos de Deus” seriam “governadores dinásticos”, homens que fundaram dinastias que governavam o mundo, e que “filhas dos homens” seriam gente comum, do povo. Neste caso, o pecado havido teria sido o da poligamia, algo como o fez Salomão, e que acabou provocando sua perversão. Esta teoria foi encampada por vários pensadores e rabinos judeus. Ou, como entendia o rabino Rashi, a classe dirigente falhou em sua missão ética, perverteu-se em rebaixar-se a misturar-se com uma ralé ignorante e sem espiritualidade. Uma classe que deveria ser mais espiritual e governar o mundo, se rebaixou moralmente ao unir-se com mulheres sem espiritualidade, de um nível mais bruto.

Os pontos que fornecem sustentação a esta teoria são:

- (1) Os magistrados e os governantes, algumas vezes, são chamados de *elohym* (Êx 21.6, 22.8-9 e 28). Nestes textos, “juízes” é *elohym*. A BLH traz “lugar de adoração” em Êxodo 21.6, porque ligou o termo à corte celestial.
- (2) Os reis, algumas vezes, são chamados de *beney elohym*, (“filhos dos poderosos”)

A teoria tem sido refutada com base nos seguintes pontos:

- (1) Não temos, ainda, a menção de rei algum, na Bíblia.
- (2) A Bíblia não endossa a prática pagã de ver os reis como filhos das divindades. Salmo 2.6-7 é uma exceção, mas o salmo é claramente messiânico, com uma aplicação a Jesus.
- (3) No versículo 4, os nefilins não são os filhos desta união, mas homens valentes que havia na terra.
- (4) O pecado de Salomão não foi a poligamia, até mesmo porque a própria lei a subscrevia. Um homem como Penina tinha duas mulheres. Jacó também o teve, bem como Abraão. O pecado de Salomão foi a idolatria.

CONCLUSÃO

Qual das três teorias é a mais correta? É um pouco difícil dizer. O texto possui pontos de contatos com relatos mitológicos, como o dos titãs e super-heróis gregos. Para alguns é uma explicação que Moisés tentou dar ao saber desses contos mitológicos. Não me parece. Não faria sentido inseri-lo aqui e Moisés nada tinha que tratar do assunto. Ele está em conexão com o dilúvio. Seja o que for, o texto mostra que foi algo grave que desagradou bastante a Deus. Muitas vezes me inclino pela primeira interpretação. Em alguma outras, pela segunda. A terceira nunca me atraiu muito. Mas não é matéria de fé. É questão de opção. A lição a guardarmos é que a moralidade de Deus triunfa sobre o pecado e a insolência contra ele sempre é punida. Estas lições devemos guardar.